Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

A Midiatização do Câncer de Mama aliada às Mediações do Cotidiano em Tempos de Cultura Terapêutica: uma análise da entrevista com Ana Furtado[1]

The Breast Cancer Mediatization alligned with the Daily Life Mediations at Therapeutic Culture Times: analyzing Ana Furtado´s interview

Luciana Carvalho de Moraes[2]

Resumo: O estudo aborda a midiatização do câncer aliada às mediações do cotidiano e da mídia em tempos de cultura terapêutica. Para este artigo, utiliza-se como corpus de análise a entrevista concedida pela apresentadora Ana Furtado, para a revista eletrônica *Fantástico*, visto se tratar de um discurso de transformação e de cuidado de si cercado de aspectos fenomenológicos, práticas sociais, subjetividades e da influência midiática, que são aspectos de interesse para o entendimento do cotidiano e da atual cultura terapêutica.

Palavras-chave: Midiatização; Cotidianidade; Ana Furtado.

Abstract: The study addresses the mediatization of cancer combined with the mediations of daily life and the media in times of therapeutic culture. For this article, it is used as a corpus of analysis of an interview granted by the presenter Ana Furtado, for the electronic magazine *Fantástico*, since it is a discourse of transformation and self-care surrounded by phenomenological aspects, social practices, subjectivities and the

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

[2] Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF); especialista em Marketing (FGV) e em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública (UERJ); graduada em Relações Públicas, Publicidade e Jornalismo (Facha); e-mail: luciana-moraes@bol.com.br.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

media influence, which are aspects of interest for the understanding of daily life and the current therapeutic culture.

Keywords: Midiatization; Daily life; Ana Furtado.

Introdução

O fato do homem ser um "ser social" e viver em determinado contexto cultural pressupõe que suas experiências e práticas sociais sejam construídas no cotidiano, em um espaço de convivência, interação e sobrevivência que modela um sentido de ver e sentir de uma realidade social. No entanto, em consonância com as práticas sociais e as lógicas de uma sociedade em processo de midiatização. Assim, os meios de comunicação social e sua produção midiática (a mídia entendida não só como meio de comunicação massa, mas como ambiência) são, ao mesmo tempo, produtos e meios de produção de realidade, sob o domínio de uma lógica ligada à manutenção da ordem social capitalista. Neste sentido, mídia e cotidiano se entrelaçam como ambientes de mediação na construção de um contexto (uma realidade) social. Pensamos a perspectiva teórica da relação nodal entre a mídia e o cotidiano, considerando que ambos:

> [...] se representam mutuamente a si mesmos. Isto é, a mídia ressignifica o cotidiano através de representações simbólicas, discursivas e tecnológicas, e, em contrapartida, o cotidiano ressignifica a mídia através das práticas sociais e culturais dos indivíduos e grupos sociais - dos usos, costumes, tradições e apropriações. Contudo, é importante não perder de vista que os processos de mediação efetuados tanto pelas mídias como pelo cotidiano não flutuam autonomamente, mas são historicamente vinculados a um contexto (uma realidade) social (CABRAL, 2018, p. 80).

Nessa perspectiva, busca-se investigar como a mídia, além de mediar as relações através de suas lógicas, operações e esquemas de codificação, tornou-se personagem principal atravessando e permeando o funcionamento da própria organização social, dos processos interacionais e das práticas sociais. A naturalização do processo, do comum, gerador de uma absorção fácil e direta da mídia em sobreposição às mediações culturais

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

foi objeto de estudo de SODRÉ (2002a). Para o autor, midiatização é "uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional" (Sodré, 2002b). Assim, tem-se como foco a concepção de uma sociedade em midiatização, na qual mídias, atores e instituições afetam-se mutualmente quanto aos discursos sobre o câncer em nosso estudo específico. Ou seja, os campos sociais e seus atores são afetados pela mídia, o que permitiria construir discursos adequados aos requisitos midiáticos, seja pelo modo de enunciação de seus relatos para atingir o seu público de interesse e, ainda, por meio de tais lugares de fala da mídia hegemônica. A investigação de um modelo de gênero e a escolha por tal temática deve-se, portanto, à alta incidência do câncer de mama e de colo de útero entre as mulheres no mundo e no Brasil, correspondendo a cerca de 25% dos casos novos a cada ano, assim como pela sua presença cada vez mais forte nas mídias sociais[3].

Diante dessa breve enunciação, seguem algumas questões que irão nortear a investigação do nosso presente estudo. Como são formadas as mediações a partir do testemunho de uma celebridade que passou pelas fases de diagnóstico, tratamento e a cura de um câncer de mama? Como se dão os processos de construção simbólica e as práticas sociais envolvidas na narrativa sobre o câncer na abordagem do cotidiano, contadas através do jornalismo televisivo, que se apropria desse relato biográfico, em formato audiovisual, pela mídia hegemônica (TV Globo), e suas implicações na contemporaneidade? E ainda, quais são os pontos que nos remetem a atual cultura terapêutica?

Para tanto, aplica-se o método qualitativo para análise dos padrões discursivos para a materialidade audiovisual, com categorias definidas e destacadas à priori pela pesquisadora pela sua relevância e discussão teórica: as relações sociais no cotidiano, a transformação pessoal e social no cotidiano, ambos em torno da superação da doença

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

por uma obra de cunho testemunhal (confessional) da celebridade que experenciou o câncer de mama, apresentada em ficha de avaliação, que visa estudar os objetos do telejornalismo televisivo na configuração de sua significação e produção de sentidos na cotidianidade.

Na perspectiva teórica, será discutido as noções de cotidianidade e/ou da vida cotidiana (Kosik, 1963; Martins, 2011; Heller, 2014), midiatização (Braga, 2012), além da linguagem da cultura terapêutica (Vaz, 2010; Sacramento, 2017), entre outras fontes.

1. O cotidiano

Partindo do princípio de que o entendimento científico e a concepção do que seja o cotidiano poderá ser ainda mal compreendido, e que por muito tempo foi negligenciada pelo olhar científico, principalmente explicitando erroneamente como fazendo parte do mundo dos 'objetos' do senso comum: costumes próprios da vida do dia a dia, repetitivos e sem importância; e, principalmente, alheios ao acontecer histórico. Assim, a fim de esclarecê-lo, torna-se imperativo para o entendimento de que as práticas cotidianas estejam dentro, sim, da história ou do acontecer histórico: na relação da vida privada, pública, do trabalho, do comum, do popular, e porque não, também na concepção da saúde e doença do indivíduo. O sociólogo lefebvriano, José de Souza Martins (2011), esclarece quais são os momentos cotidianos da vida e onde eles se manifestam.

> No público e no privado. Em casa, mas também na rua e no local de trabalho: nos lugares em que o homem está desencontrado sobre si mesmo. [...] O cotidiano tende a ser confundido como banal, com o indefinido, com o que não tem qualidade própria, que não se define a si mesmo como momento histórico qualitativamente único e diferente. E também com o doméstico e o íntimo, com o rotineiro e sem história. O cotidiano aparece, portanto, como uma excrescência da História. No entanto, os historiadores querem capturá-lo, fazê-lo objeto da História, para isso, no fundo, destituindo-o de sua historicidade (MARTINS, 2011, p. 89).

Em todos os espaços destinados ao estudo do cotidiano, a conceituação do termo poderá ser articulada com outras tantas teorias. Em nosso estudo, por exemplo,

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

coexistindo com as áreas da psicologia comportamental, da saúde, filosofia e que definitivamente passou atrair a atenção de pesquisas como esta.

> Pode-se dizer, assim, que estudar a vida cotidiana não implica simplesmente em observar o cotidiano, em reparar as práticas diárias (rotinas) de um indivíduo ou grupo social e descrevê-las (interpretá-las) atentando para características particulares, ou para comportamentos típicos. Mais do que tornar o cotidiano objeto de análise, como ambiente a ser observado, o estudo da vida cotidiana implica em tornar o cotidiano um conceito teórico dotado de sentido próprio e capaz de ser articulado com outros conceitos e teorias (LEFEBVRE, 1991 apud CABRAL, 2018, p. 59).

A filósofa húngara Agnes Heller (2014) imprimi uma importante contribuição à teoria da prática do cotidiano, voltando seu olhar para as instâncias da vida cotidiana. "São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazares e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação" (HELLER, 2014, p. 32). Entretanto, para a filósofa a vida cotidiana não é composta apenas de trivialidades. É facultado ao indivíduo a possibilidade de abstração acima da vida cotidiana. Neste momento, o homem superaria as estruturas e a desumanização imposta pela alienação e se elevaria acima da cotidianidade genérica. Foi o que a autora denominou como "suspensão do cotidiano".

Para o filósofo tcheco Karel Kosik (2002 [1976]a) o cotidiano pode ser compreendido como uma instância da realidade cimentada por um complexo de fenômenos que assumem um caráter social aparente e natural, constituindo o que o autor chama de *pseudoconcreticidade* para designar os aspectos superficiais dos fenômenos sociais, da realidade aparente, com a qual o homem está em contato na prática cotidiana (cotidianidade). Nesse sentido, o fenômeno estaria aparente (claro) e sua essência escondida (escura) na prática cotidiana dos indivíduos, trata-se de "um claro-escuro de verdade e engano. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde" (Kosik, 1963b). Segundo o autor, para o conhecimento pleno ou concreto sobre as realidades ocultas seja possível (o fenômeno e a essência), é preciso decompor os fenômenos para analisar sua constituição.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Retomando o debate de Kosik 2002 [1976]) sobre o esforço dialético para um momento de reflexão sobre a vida cotidiana em busca da totalidade concreta (entre fenômeno e a essência), aliado ao conceito de suspensão do cotidiano desenvolvido por Agnes Heller (2014) quanto a esse mesmo processo de leitura de uma realidade superior (crítica-social). Podemos inferir que a descoberta e a experiência de um câncer, por si só, já seria um fator de estímulo para uma reflexão crítica da vida do indivíduo na atual cultura contemporânea. Sendo inevitável, podemos inferir, o momento de "suspensão do cotidiano" em que o homem se encontra conscientemente com a realidade.

2. Cultura Terapêutica

A partir da metade do século XX, noções subjetivas que visam à força do pensamento positivo nas práticas da vida cotidiana são incorporadas pela chamada "cultura terapêutica", que deixa de se referir apenas a serviços e problemas de ordem de saúde mental. Castellano (2015) explica o conceito de cultura terapêutica, *ethos* terapêutico ou terapêutico proposto pelo sociólogo Frank Furedi[4] (2004) como a "disseminação de um imaginário que coloca a emoção e a subjetividade - e não apenas a força mental - como elementos primordiais à compreensão de questões relativas a todos os aspectos da vida humana". Ainda nesse sentido, Sacramento (2015, p. 112) define: "a cultura terapêutica é, portanto, o prenúncio de uma redefinição radical da personalidade em que o dano emocional e a vulnerabilidade psicológica tornaram-se parte do novo roteiro cultural". Pombo (2017, p. 5), fala sobre a mudança do olhar "são os sentimentos que se tornam o guia moral do indivíduo contemporâneo". Haveria, então, uma

[4] O norte-americano Frank Furedi é professor emérito de sociologia na Universidade de Kent, no Reino Unido. Seus livros tratam da tendência crescente para descrever condutas da vida cotidiana no vocabulário médico-psicológico. Palavras e expressões como "stress", "auto-estima", "trauma", "transtornos de déficit de atenção e hiperatividade", "dependências compulsivas", "emoções negativas", "crises de meia-idade", "síndrome de pânico", "fobia social", "ansiedade livremente flutuante" etc. vêm sendo aplicadas livremente nos últimos 20 anos em vários setores da sociedade, como a religião, o ensino e a TV. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0712200305.htm>. Acessado em: 13 maio 2020.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

propensão humana que buscaria sentido das práticas cotidianas por meio de conceitos subjetivos ou emocionais mostrando certa vulnerabilidade do "eu", risco e, assim, sua autolimitação. No sentido da autolimitação do indivíduo pela atual cultura terapêutica, Vaz discorre:

> [...] o poder do pensamento não reside só no esforço de controlar o que nos acontece; reside também no modo como somos capazes de atribuir sentido ao que nos acontece. A inquietação é a de que certas formas de atribuir sentido ao sofrimento podem provocar mais sofrimento. Constantemente incitados a se conceber como desamparados, os indivíduos, hoje, se pensam como precisando de especialistas para viver suas vidas e como incapazes de encontrar qualquer positividade nas tragédias que necessariamente encontrarão ao longo de suas vidas (VAZ, 2010, p. 163).

Portanto, no atual discurso terapêutico, as emoções são focadas na noção do "eu" individual e no desenvolvimento das potencialidades do sujeito perante o aval de um profissional (*coach* ou *expert*) diante da vulnerabilidade e incompletude do "eu". Furedi (2004, p. 34) contraria tal cultura por ser algo que era entendido como *habitué* da vida cotidiana, e não uma ameaça para uma ação terapêutica – o amor é arriscado, o sexo é perigoso e a infância tem de ser cuidadosamente gerenciada para que as pessoas não sejam "marcadas para a vida toda".

Além disso, o imperativo da superação e de ser feliz por si mesmo está impresso no indivíduo através das obras e grupos de autoajuda na atual cultura, como se fosse possível obter "uma sensação manipulável de bem-estar" (RIEFF, 1996, p. 13 apud VAZ, 2010). Furedi (2004) analisa que a autolimitação do "eu", a insegurança do sujeito durante suas práticas cotidianas e cita o distanciamento do indivíduo pelas causas sociais, já que a felicidade deixa de ser uma "consequência colateral da busca de algum fim comum superior" (RIEFF, 1996, p. 261 apud VAZ, 2010). Assim, temos o entendimento de que na terapêutica os problemas devem ser resolvidos através de ações exclusivamente individuais o que ocasiona a falta do papel transformador do indivíduo na sociedade.

> Através da normatização do papel doentio e da procura de ajuda, a cultura terapêutica promove a virtude da dependência da autoridade

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> profissional. Ao mesmo tempo, desencoraja a dependência de relações íntimas – um ato que enfraquece o sentimento de pertencimento do indivíduo. Pior ainda, a cultura terapêutica promove um clima em que as pessoas realmente se sentem doentes, inseguras e emocionalmente prejudicadas [...] Mas o mais importante de tudo indica que um regime de autolimitação se institucionalizou. Isso sugere que a premissa fatalista do eu vulnerável influencia o comportamento de uma parte significativa da sociedade, pelo menos uma parte do tempo. (FUREDI, 2004, p. 203, tradução livre).

De acordo com Furedi (2004. p. 1), a linguagem das emoções permeia a cultura popular, o mundo da política, o local de trabalho, as escolas, as universidades e a vida cotidiana, deixando de ser exclusiva de consultórios psicológicos, psiquiátricos (ou de outros campos da *psi*). Nesse sentido, a mídia, assim como as instituições, também se apropria do discurso terapêutico no desenvolvimento de produtos de consumo, como: livros de autoajuda, programas de TV, rádio, vídeos com testemunhais de pacientes sobreviventes de doenças crônicas que dão "lições de vida" ou aconselhamentos, tendo como via de regra a normatização da autonomia emocional e da autoestima. Nesse sentido, tomando a hipertensão como exemplo. O paciente tem hipertensão arterial por não estar com suas funções emocionais em ordem, ou seja, doenças são explicadas pelas disfunções emocionais do indivíduo e não pelas questões, como a quantidade excessiva de sal na dieta, uma pré-disposição genética, sedentarismo, entre outros fatores condicionantes. Como o que poderemos ou não verificar mais à frente nos discursos testemunhais midiatizados de mulheres acometidas pelas doenças silenciosas.

> Afinal, o que está em jogo na configuração contemporânea da subjetividade é a capacidade de gerenciamento eficaz de si, tornando-se mais autoconfiante, sempre buscando autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Desse modo, a narração do trauma na cultura terapêutica contemporânea é uma forma valorizada da capacidade individual de manter a própria "saúde afetiva" e transformar a experiência de sofrimento em narrativa de aconselhamento para o público (ILLOUZ, 2012, p. 81 apud SACRAMENTO, 2017, p. 63).

Ainda na perspectiva da experiência do sofrimento e da doença, através do juízo da "cultura terapêutica" ocidental contemporânea, percebe-se que o sofrimento é

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

oriundo das próprias escolhas do indivíduo (por serem imorais, impróprias ou subversivas para o convívio em sociedade).

> [...] As terapias anteriores, ao menos no ocidente, se caracterizavam pelo comprometimento e, ao mesmo tempo que consolavam, admoestavam, articulando causalmente a existência do sofrimento a alguma imoralidade cometida pelo indivíduo. Daí serem culturas da culpa; quando sofriam, os indivíduos deveriam dizer "sofro por minha culpa" (RIEFF, 1996, p. 15 apud VAZ, 2014).

Ainda nesse sentido, Vaz (2010) associa imageticamente ao sofrimento do indivíduo originário a sua conduta imoral, a um comportamento desvirtuoso ou vicioso pela "cultura terapêutica". Contudo, diante de um comportamento contrário, válido e consentido socialmente, o futuro poderia guardar ao indivíduo "bons ventos e mar calmo", assim como à felicidade individual pelo próprio controle, um sopro de esperança (para uma boa saúde).

> Todo o sofrimento que nos chega inesperadamente é imaginariamente concebido como tendo dependido da obediência ou não a regras morais. O que vale para o eixo entre sofrimento presente e ação passada vale para aquele entre ação presente e estado mental futuro, só que numa dimensão de esperança: o indivíduo pode não sofrer se for moral. O sujeito emerge pela e com a ilusão de controle da consciência do indivíduo sobre uma parte dele mesmo e, graças a esse controle, sobre os eventos que podem vir a lhe ocorrer. Através da ação do indivíduo sobre uma parte de si mesmo, o futuro se tornaria passível de ser conhecido, calculado e dependente da ação individual (VAZ, 2010, p. 138).

Na perspectiva da ação individual na condução das emoções dos indivíduos a capacidade de agir moralmente ou não (levar à saúde ou à doença), Vaz (2010) trata da responsabilização do indivíduo pelas suas chances de adoecimento, mantendo o ponto de vista da linguagem terapêutica.

> O conceito de fator de risco, em primeiro lugar, propõe um nexo probabilístico e um intervalo temporal longo entre exposição ao fator e aparecimento do sintoma, da contrapartida subjetiva de uma doença. Um fator de risco para uma determinada doença não é uma causa nem necessária, nem suficiente; é, sim, o que amplia a probabilidade de seu surgimento. E pelo intervalo longo, o indivíduo deve se preocupar com sua saúde mesmo sem experimentar nenhum mal estar; de fato, o

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> conceito de fator de risco faz dos indivíduos doentes virtuais, ou quase-doentes, recomendando, portanto, a modificação das práticas tendo em vista a redução das chances de adoecer. [...] trata-se da conexão probabilística entre o advento de doenças e hábitos cotidianos, especialmente as práticas de prazer na alimentação, bebida e uso de drogas. Também aqui o futuro se torna calculável e dependente de uma ação do indivíduo sobre uma parte dele mesmo; também aqui o futuro aparece segundo a relação entre crédito e dívida: bem agir significa receber um crédito na forma da esperança de não sofrer no futuro e fazer o que não se deve tem como contrapartida a possibilidade algum castigo (VAZ, 2010, p. 144).

Quanto ao discurso de celebridades que experienciaram o câncer há uma ótica da linguagem da cultura terapêutica, a qual enfatiza a responsabilização do sujeito no cuidado de si, conforme analisado pelo professor Igor Sacramento (2014):

> Existe a percepção de que a salvação reside em si mesmo, na autoestima e nos pensamentos positivos. Ela (Ana Maria Braga) se coloca como o exemplo de um "eu" que triunfa sobre as adversidades, porque é, senão a única, a principal responsável por suas escolhas, que, nesse caso, incluem, até mesmo, curar-se de um câncer (SACRAMENTO, 2014, p. 11).

3. Midiatização

Na contemporaneidade, compreender o processo da midiatização, já que o seu conceito ainda está em fase de construção, está na problematização (investigação e reflexão) ampla e criteriosa das práticas sociais humanas, assim como seus processos interacionais que se manifestam no cotidiano (nas zonas de afetação), unindo dois processos: o tecnológico e o social.

> Essas práticas, esses processos, em toda sua variedade, tornam-se objeto possível para nossa investigação – desde que, de algum modo, produzam ação interacional. Isso corresponde a dizer que tais objetos oferecem a possibilidade de grande variedade de perguntas para a investigação, algumas das quais talvez nem sabemos ainda como expressamente gerar ou organizar (BRAGA, 2012, p. 37).

Ainda nesse contexto, o também professor Pedro Gilberto Gomes (2016) se reporta a uma "sociedade em midiatização" e discorre sobre seus dois movimentos:

> De um lado, ela (midiatização) é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiatização. O ser humano é em midiatização. Isso, hoje, sublime-se, configura um novo modo de ser no mundo. Esse é o substrato cultural no qual se movem os diversos grupos sociais no mundo. A sociedade erigida nesses movimentos é uma sociedade em processo de midiatização (GOMES, 2016, p. 16).

4. Celebridades

Para Sacramento (2020), houve uma mudança fundamental no status do ser celebridade e da sua construção discursiva na contemporaneidade. Antes, falava-se apenas sobre as glórias pessoais e méritos alcançados publicamente. Hoje, esse seleto público midiático também pode apresentar suas imperfeições, fracassos, arrependimentos e dores, ou melhor, mostrar-se como "realmente são". "De diferentes formas, a constituição delas como vítimas sofredoras pode ser tão ou mais lucrativa do que aquelas construções como heróis ou heroínas inabaláveis – olimpianos" (MORIN, 1979 apud SACRAMENTO, 2020).

A teoria brevemente apresentada é uma condição *sine qua non* para que possamos nos debruçar a fazer uma análise sobre a midiatização do câncer enunciada pela própria Ana Furtado, na qual a apresentadora narra sobre o seu câncer em entrevista especial ao *Fantástico*. É nesse universo difícil (da doença) que passamos a compreender os aspectos fenomenológicos, os processos de subjetivação na narrativa biográfica e os aspectos da cotidianidade aos preceitos da atual cultura terapêutica.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Figura 1 – Em sua casa, Ana Furtado com look cor de rosa (que simboliza a luta contra o câncer de mama) durante entrevista ao Fantástico



Fonte: print da entrevista (FURTADO, 2019)

Source: print of the interview (FURTADO, 2019)

5. Metodologia

O material de análise selecionado para o nosso trabalho é a entrevista concedida pela apresentadora da Globo Ana Furtado ao programa *Fantástico*, exibido pela Rede Globo. A narração biográfica da entrevistada apresenta suas reflexões em volta das experiências pessoais em relação à temática do câncer, tornadas públicas por meio da exposição na grande mídia. Deste modo, como produto do jornalismo audiovisual e, por conseguinte, constituinte de práticas sociais de uma cultura imersa no cotidiano e em uma sociedade em processo de midatização, vamos, neste momento, definir os eixos de investigação, a partir do material empírico da pesquisa. Assim, como a montagem da ficha de avaliação.

> Por se caracterizar como um método quali-quantitativo a análise da materialidade audiovisual pode incluir itens de avaliação previamente identificados pelo autor, com categorias definidas à priori, como

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> aquelas relacionadas à temática e à caracterização das fontes de informação (COUTINHO, 2016, p.11).

Através da escuta apurada, compreensão e interpretação das narrativas discursivas sobre o câncer no cotidiano, a partir do testemunho da celebridade (e posteriormente editado) pela própria rede televisiva na qual trabalha, as seguintes temáticas foram desenvolvidas e categorizadas pela pesquisadora, a saber: I) materialidade da fé; II) aprendizado da doença; III) midiatização do câncer; IV) vida é mudança e transformação; e V) "suspensão do cotidiano". Abaixo, foi preenchida a seguinte ficha de avaliação:

Ficha de avaliação

Evaluation sheet

Produto audiovisual: entrevista para o programa Fantástico Tipo: testemunhal		Data da exibição: 27/10/2019
Indicador: material empírico da pesquisa	Narrativas sobre o câncer de mama	
Entrevistada	Ana Beatriz Furtado Alves Ferreira Nome artístico: Ana Furtado	
Duração	11m:12s	
Temática I	**A materialidade da fé: o diagnóstico**	
[1m:43s]	O meu anjo da guarda falava pra mim: vai ver isso (o cisto) de novo. Eu escutava perfeitamente. Eu tinha essa sensação, que não deveria estar satisfeita com aquele resultado, e que deveria refazer todos os exames.	
[2m:47s]	Literalmente o meu anjo da guarda desenhou para mim. Ele pintou esse cisto de uma cor diferente de outros dois que tinha na minha mama direta.	
[3m:46s]	E foi a partir dessa minha atitude. Dessa minha sensibilidade, que eu descobri, 48 horas depois, que eu tinha câncer de mama.	
Temática II	**O aprendizado da doença: positivismo**	

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

[3m:58s]	E é impressionante como essa doença ressignificou completamente a minha vida. Eu precisei ter câncer para conquistar a minha saúde, para me tornar uma pessoa saudável.
[5m:28s]	A mamãe teve câncer, mas não tem mais [...]. Eu poderia ter contato isso para ela (filha) de qualquer outra forma, mas eu escolhi a forma positiva, a forma otimista, né! Ao meu ver, emocionalmente falando, mais correta para dar para ela (filha).
Temática III	**A midiatização do câncer na cotidianidade: a revolta**
[6m:47s]	Na verdade, o câncer é uma palavra que vem carregada com significados muito terríveis, né? A primeira coisa que você pensa é morte. E a justificativa: por que eu? Por que logo comigo? É aí, quando a gente pensa em câncer, pensa em carma ruim, justiça divina, perdas, na tragédia, na luta, na batalha, na dificuldade, na aceitação, no desespero. São significados muito ruins.
[8m:02s]	Claro, eu fiquei revoltada! Eu me perguntei várias vezes. Por que eu? Por que comigo? Eu não tenho geneticamente essa predisposição e me imaginava uma pessoa extremamente saudável, emocionalmente falando, fisicamente falando. Eu pratico esporte, eu me alimento bem. Eu sou uma pessoa extremamente otimista. Eu faço bem. Então, por que essa doença me escolheu? Por que comigo? Nas duas primeiras semanas, eu me revoltei. Essa doença desgraçada não me pertence! Por que que ela me escolheu?! Por que comigo?!
Temática IV	**A vida é mudança e transformação: o espetáculo intimista**
[8m:44s]	E o fato deu estar com esse sentimento muito ruim dentro de mim, eu só alimentava mais o meu inimigo. Eu só fazia com que ele se tornasse cada vez mais forte. Eu tinha essa sensação. Eu tive essa iluminação. Eu tive essa certeza. Então, eu entendi que a vida é mudança e transformação. Se eu não mudasse a ótica da minha realidade com a doença, e se eu transformasse a minha relação com ela em algo mais pacífico, seria muito mais difícil que ela saísse de mim. Então, eu cheguei a esse acordo com ela. Eu fiz um acordo com o câncer. Ok, eu entendi que você veio para me ensinar muita coisa e já está me ensinando. Mas, vai ter um momento depois que eu terminar a minha pós-graduação, você vai ser convidado a se retirar.
Temática V	**A suspensão do cotidiano: uma reflexão crítica da realidade**
[8m:44s]	E a partir desse momento, quando eu ressignifiquei inclusive a doença para minha vida, tudo se tornou mais fácil inclusive a morte. Porque a doença também te traz essa realidade da morte, é inevitável. E eu entendi que a morte faz parte da nossa vida todo dia. A gente está aqui conversando e células no meu corpo nascem e morrem o tempo todo. Então, quando você tem essa certeza e aceita a morte como algo normal do ciclo da vida. Enfrentar um desafio como o câncer, se torna menos difícil. A morte não está lá longe, ela está aqui caminhando ao meu lado. Já que eu sei que ela existe, deixa eu focar na vida, porque ela me pertence e é ela (a vida) que é mais importante para mim nesse momento.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

6. A midiatização do câncer: uma construção mediada da realidade

Neste momento, discute-se como se dão os processos de midiatização do câncer no cotidiano, a partir dos cinco eixos temáticos previamente destacados pela sua relevância e discussão teórica. No testemunho de Ana Furtado, o discurso construído na cotidianidade está na autogestão. Para obter um diagnóstico preciso e correto quanto ao cisto proeminente recém-encontrado, foi fundamental, segundo o relato da apresentadora, saber ouvir sua intuição, ou melhor, o seu anjo da guarda. Por isso, denominamos essa primeira temática como: a materialidade da fé.

Segundo a teoria helleriana (2014, p. 68), a fé está no afeto, no emocional e com os objetivos e as necessidades que são alimentadas por ela, mediando uma ação imediata em maior número de situações na vida cotidiana. O conhecimento do indivíduo limita-se ao campo objetivo, logo a fé, a credulidade e a espiritualidade preenchem os espaços entre os outros aspectos. Ainda de acordo com Heller (2014, p. 51), "a fé religiosa costuma ser mais intensa e mais incondicional", sendo assim, um afeto mais inflexível. O sentimento da "fé" seria classificado pela autora como "juízos provisórios que se enraízam na particularidade e, por conseguinte, se baseiam na fé são *pré-juízos* ou *pré-conceitos*. "Os juízos provisórios (e os preconceitos) são meros exemplos particulares de ultrageneralização" HELLER (2014, p. 54).

Ainda nesse sentido, segundo a autora, o homem torna-se consciente ou pode refletir acerca de uma superstição (a presença fé) colocando-se em um degrau acima das trivialidades e dos processos sociais alienantes.

> Quando num dado momento da vida cotidiana – o indivíduo começa a refletir acerca de uma superstição que compartilhava, ou de uma tese que assimilou da integração de que faz parte, passando a supor que nem uma nem outra são aceitáveis porque contradizem a experiência, e, logo após, começa a examinar o objeto posto em questão comparando-o com a realidade, para terminar recusando-o, em tal momento o referido indivíduo elevou-se do decurso habitual do pensamento cotidiano, ainda que apenas em tal momento (HELLER, 2014, p. 52).

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Entretanto, para a apresentadora Ana Furtado, foi justamente a fé e a intuição (o anjo da guarda) que a levaram a garantir o diagnóstico correto da doença. Através da autogestão, na atual cultura terapêutica,

A temática II emerge a moral, a lição, o aprendizado da doença. Segundo a entrevistada Ana Furtado (2019), "é impressionante como essa doença ressignificou completamente a minha vida. Eu precisei ter câncer para conquistar a minha saúde, para me tornar uma pessoa saudável". Pelo ponto de vista de Sacramento (2015), a enfermidade, o infortúnio, a adversidade são referenciados, a partir de práticas do "eu", como uma possibilidade para refletir e traçar caminhos melhores na vida do indivíduo.

> [...] entre o testemunhal e o confessional nos relatos da experiência com infortúnios, que toma a experiência vivida por um "eu" como o lócus central para testificar a existência do dito e como receituário para a positivação da vida, assegurando a possibilidade de poder ter sempre mais prazer e de poder ser mais feliz (SACRAMENTO, 2015, p. 114).

Denota-se, ainda, que a exteriorização de sofrimentos, de celebridades, após "superá-los", seja algo estruturado e construído na cotidianidade, por meio da atual cultura terapêutica.

No tema III, apresentam-se as trivialidades na vida cotidiana, as adjetivações e sentidos empregues ao câncer em nossa sociedade midiatizada, a saber:

> O câncer é uma palavra que vem carregada com significados muito terríveis, né? A primeira coisa que você pensa é morte. E a justificativa: por que eu? Por que logo comigo? É aí, quando a gente pensa em câncer, pensa em carma ruim, justiça divina, perdas, na tragédia, na luta, na batalha, na dificuldade, na aceitação, no desespero. São significados muito ruins (FURTADO, 2019).

Por meio da temática IV, apreende-se a personificação do câncer com um inimigo potencial e por ser assim identificado, fora da vida da personagem (que é saudável). Por esse ponto de vista, a doença é vista como algo externo a pessoa, um intruso, quem, então, deve ser expulso. Neste episódio relatado pela paciente, o entendimento emotivo com a doença traz um sentimento de libertação. Onde a enfermidade seria, de fato, apenas um momento transitório ou passageiro da vida.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

"Então, eu entendi que a vida é mudança e transformação. Se eu não mudasse a ótica da minha realidade com a doença, e se eu transformasse a minha relação com ela em algo mais pacífico, seria muito mais difícil que ela saísse de mim" (FURTADO, 2019).

Abarca-se na derradeira temática (V) analisada, o conceito fundamental prezado por Heller (2014) e Kosik 2002 [1976]) quanto à reflexão crítica da realidade, a "suspensão do cotidiano" como uma práxis libertadora. Neste momento, encontra-se a grande transformação da história da apresentadora com o câncer.

> [...] quando eu ressignifiquei inclusive a doença para minha vida, tudo se tornou mais fácil inclusive a morte. Porque a doença também te traz essa realidade da morte, é inevitável. E eu entendi que a morte faz parte da nossa vida todo dia. A gente está aqui conversando e células no meu corpo nascem e morrem o tempo todo. Então, *quando você tem essa certeza e aceita a morte como algo normal do ciclo da vida* (grifo nosso) (FURTADO, 2019).

7. Considerações finais

Como vimos, no presente artigo as temáticas analisadas, durante o relado da celebridade global Ana Furtado, aponta para a midiatização da doença, em nosso estudo, do câncer de mama, como um processo social no cenário midiatizado contemporâneo, modelado sob uma arquitetura terapêutica.

Em suma, pode-se ter a crença que o futuro esteja em nossas mãos, mas, de fato, esse controle absoluto, essa 'lei' da felicidade não cabe exclusivamente ao indivíduo: o acaso existe, assim como suas conexões incontroláveis que levam a caminhos ocultos: e por que não dolorosos na vida ordinária? Entretanto, por meio da linguagem da cultura terapêutica, "a impossibilidade de domínio completo sobre si é condição para que se continue a acreditar na possibilidade de controlar os sofrimentos que nos ocorrem" (VAZ, 2010, p. 139). A suspensão da cotidianidade ou a reflexão crítica da realidade é algo que, de fato, poderá mudar e transformar a vida do indivíduo, assim como aconteceu com a nossa personagem escolhida para falar de um assunto com tal propriedade: "A morte não está lá longe, ela está aqui caminhando ao meu lado. Já que

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

eu sei que ela existe, deixa eu focar na vida, porque ela me pertence e é ela (a vida) que é mais importante para mim nesse momento" (FURTADO, 2019).

Referências

ABIB, Roberto; SACRAMENTO, Igor. O ethos de um guerreiro: o testemunho de Reynaldo Gianecchini sobre o câncer. Intexto, Porto Alegre, UFRS. Online. 2020.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs). Mediação & midiatização [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

CABRAL, F. M. S. A pesquisa em Mídia e Cotidiano no contexto da tradição crítica latino-americana de Comunicação. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Niterói – RJ, 2018.

CONDORELLI, Antonino; GOMES, Bruno Sérgio Franklin de Farias; DANTAS, Juliana Bulhões Alberto (Orgs.) Olhares contemporâneos sobre a comunicação: linguagens, narrativas, práticas, mediações. Natal: EDUFRN, 2015. (Coleção Novos Comunicadores).

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível. In Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom: São Paulo, 2016.

FAUSTO NETO, A. (2008). Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. Matrizes, 1(2), 89-105.

FURTADO, A. Fantástico entrevista a apresentadora Ana Furtado que conta como foi o diagnóstico e o que aprendeu com a doença. Entrevista concedida (sem nome). Rede Globo: 27 out. 2019. Vídeo [11m:12s]. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8038654/?s=0s. Acesso em: 29 mar. 2021. 2020.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 4ª ed. Local Paz e Terra, 2014.

KOSIK, Karel. A dialética do concreto. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

SACRAMENTO, Igor. Os Célebres Diante da Dor: O Ethos Terapêutico e os Modos de Subjetivação na Cultura Contemporânea. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVII, Foz do Iguaçu, 2014. Anais. Intercom, 2014, p. 1-15.

_____. "A autoestima é muito importante": a retórica da salvação pessoal nos relatos de celebridades sobre o bullying. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 11, n. 3, p. 55-74, set/dez. 2017.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas, in Freire, J. F. (eds). Ser Feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010.